

**O LUGAR DO ESPANHOL NOS ESTADOS UNIDOS HOJE:
NOTAS SOBRE UMA LÍNGUA MINORIZADA**

***THE LOCATION OF SPANISH IN THE UNITED STATES TODAY:
NOTES ON A MINORIZED LANGUAGE***

Lívia Santos de Souza

Universidade Federal da Integração Latino-Americana

42liviadesouza@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4406-5415>

Resumo

A língua espanhola goza de um status bastante contraditório nos Estados Unidos, trata-se de um idioma falado por uma parcela considerável da população, mas que segue sendo vista como língua menor. Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo a elaboração de um retrato do estado desse idioma nos EUA na atualidade. Para tanto, organizo o texto em duas partes, na primeira delas, parto de uma série de reflexões sobre o papel do espanhol nesse país, considerando, entre outras questões, os debates em torno das formas híbridas que incorporam elementos da língua inglesa e da língua espanhola. Em seguida, reflito sobre os crescentes movimentos de recuperação do espanhol pelas novas gerações de latinos no país, especialmente através do ensino de espanhol como língua de herança. Adotando como fundamentação teórica referenciais dos estudos de políticas linguísticas, o artigo reforça a crescente necessidade da inclusão do cenário estadunidense para os estudos sobre a língua espanhola hoje.

Palavras-chave: Língua Espanhola. Latinos nos Estados Unidos. Espanhol Língua de Herança.

Abstract

The Spanish language enjoys a very contradictory status in the United States, it is a language spoken by a considerable portion of the population, but it is still seen as a less important language. Thus, this article aims to create a portrait of the state of Spanish in the USA today. To this end, I organize the text in two parts, in the first one, starting from a series of reflections on the role of Spanish in that country, I consider, among other issues, the debates around the hybrid forms that incorporate elements of both English and Spanish. Then, I reflect on the growing movements of Spanish recovery by the new generations of Latinxs in the country, especially through the teaching of Spanish as a heritage language. Adopting as a theoretical foundation references of linguistic policy studies, the article reinforces the growing need to include the American reality for studies about Spanish language today.

Keywords: Spanish Language. Latinx Studies. Heritage Spanish.

Introdução

De acordo com o censo de 2019 dos Estados Unidos, a população de origem hispânica reúne quase 20% do total de norte-americanos. Esses números, que excluem imigrantes sem residência permanente ou documentação legal de migração (números do PEW Hispanic Center falavam em 11 milhões de pessoas sem documentos em 2013), resultam num montante que gira em torno de 60

milhões de pessoas. Projeções do próprio instituto responsável pelas estatísticas populacionais norte-americanas mostram que em 2060 a comunidade latina chegará a 111 milhões de pessoas e representará 28% da população total do país. Observado esses números, é inegável a contradição da definição das comunidades de origem hispânica nos EUA como minoria. Diante desse cenário, cabe o questionamento sobre o papel da língua espanhola no mundo anglo-saxão hoje.

Sobre essa questão cabe uma ressalva, não se deve estabelecer uma correspondência automática entre sujeito de origem hispânica nos EUA e falante de língua espanhola. Como os números sugerem, os chamados *Latinx*⁸⁸ representam um grupo bastante heterogêneo. Por uma série de fatores que vão desde as práticas educacionais das últimas décadas, passado por questões de ordem política, cultural e econômica, há um significativo grupo que, mesmo vivendo nos EUA, se comunica exclusivamente em espanhol; grupos que têm diferentes configurações de bilinguismo e, ainda, um grupo formado em sua maior parte por migrantes de segunda e terceira geração, que têm a língua inglesa como principal veículo de comunicação.

Além da complexa distribuição do conhecimento de espanhol dentro da comunidade latina nos EUA, cabe mencionar também a significativa diversidade linguística dessa comunidade. Para entender o espanhol nos EUA, é necessário levar em consideração a existência de uma série de variedades relacionadas, em grande medida, aos países de origem dos grupos migrantes, mas, também, aos fenômenos decorrentes do intenso contato entre dialetos e entre falantes do próprio inglês.

No presente trabalho pretende-se explorar essas questões assumindo como referencial teórico principal os estudos sociolinguísticos relacionados às políticas linguísticas. Embora se trate de um tema de grande interesse para os estudos linguísticos hispânicos de forma geral, o espanhol estadunidense é ainda escassamente estudado no Brasil, por essa razão o presente artigo assume uma postura mais panorâmica em relação ao tema.

Para tanto, opto por organizar o texto em duas partes: na primeira, apresento um panorama da situação do espanhol nos Estados Unidos, refletindo sobre como a língua – amplamente difundida nesse país – ainda é minorizada, além de temas como a diversidade de variedades do espanhol norte-

⁸⁸ A vasta literatura sobre comunidades de origem hispânica nos Estados Unidos se refere genericamente a esse grupo como *Latinos*. O uso desse termo se opõe a *Latin Americans*, pessoas de origem latino-americana que vivem em seus respectivos países de origem. Há, por exemplo, uma clara distinção no meio acadêmico entre *Latin American Studies* e *Latino Studies*. Recentemente, diante das demandas por igualdade de gênero também no campo da linguagem, o termo *Latinx* tem sido usado também em referência aos estadunidenses de origem latino-americana. No presente texto, opto por utilizar essa última expressão, em itálico.

americano e o fenômeno do Spanglish; na segunda parte, desdubro os debates da seção anterior discutindo o ensino de espanhol como língua de herança nos EUA.

O Espanhol como língua minorizada nos Estados Unidos

A presença do espanhol nos Estados Unidos não é um fenômeno recente, sendo importante observar que não é originalmente um efeito de fluxos migratórios para esse país. Basta observar que o atual território norte-americano é fruto de sucessivas anexações de regiões que foram colônias espanholas, habitadas por falantes nativos de espanhol, que nunca cruzaram a fronteira, mas que por ela foram atravessados, parafraseando a letra da já clássica canção do grupo de música nortenha mexicana Tigres del Norte.

Dessa forma, a ideia dos Estados Unidos como país monolíngue é uma construção sem qualquer respaldo histórico. O espanhol é, nessa nação, tanto uma língua nativa, como um idioma colonial e uma língua de imigração, apenas para mencionar algumas categorias linguísticas relevantes, além de ter representado o principal idioma da vida política de parte do sul do país até o início do século XX (LOZANO, 2018).

Outro elemento fundamental que precisa ser destacado sobre o espanhol nos EUA é a existência de organizações dedicadas à promoção da língua e de seu estudo nesse país. Um exemplo nesse sentido é a Academia Norteamericana de la Lengua Española (ANLE), fundada em 1973 e associada ao conjunto das academias da língua espanhola. Outro exemplo é a American Association of Teachers of Spanish and Portuguese (AATSP), dedicada mais especificamente aos aspectos didáticos da língua.

Os estudos sobre o espanhol dos Estados Unidos defenderam durante um longo tempo a ideia de que a língua espanhola reproduziria nesse país as características dos países de origem das comunidades. Assim, para autores como Moreno Fernández (2009), existiria uma variedade méxico-estadunidense ou chicana, uma porto-riquenha e uma cubano-estadounidense, e, por último, uma variedade menor, representada pelo espanhol centroamericano-estadounidense. Poucos estudos, no entanto, se dedicam aos efeitos do intenso contato que existe entre essas variedades no país hoje. Alguns fenômenos relatados, nesse sentido, na literatura recente são os casos de filhos de casais de origens hispânicas distintas ou de *latinxs* que participam de cursos de espanhol como língua de herança que incluem pessoas das mais diversas origens. De fato, afirmar a existência de dialetos bem definidos da língua espanhola nos EUA é uma assumir uma postura cada vez mais arriscada.

Outro elemento que fortalece esse ponto é apresentado por Domitrescu (2013) em um artigo em que discute o papel do espanhol nos Estados Unidos à luz das informações do censo de 2010. Sobre a população latina nesse país, a autora observa que há um crescimento dos *latinxs* em estados considerados destinos migratórios não tradicionais para essa comunidade, e que esses movimentos recentes têm grande impacto nas variedades do espanhol, especialmente por propiciarem novas situações de contato linguístico, tanto entre diferentes variantes do espanhol quanto com o inglês.

Para citar um exemplo desse fenômeno, menciono um trecho do romance “The brief and Wondrous Life of Oscar Wao” escrito pelo autor dominicano-americano Junot Díaz. Trata-se de um romance escrito em inglês, mas profundamente marcado pela presença do espanhol nativo do autor. Em um trecho no início da narrativa, uma das personagens reproduz a seguinte fala: “Call out to passing women – Tú eres guapa! Tú eres guapa!” (2007, p. 13). A palavra *guapa*, tem no espanhol caribenho um sentido bastante diferente do empregado para o termo em outros dialetos hispânicos, e poderia ser traduzida para o português como brava, irritadiça. Díaz, embora nascido na República Dominicana, elaborou essa sentença a partir de seu conhecimento da língua espanhola, profundamente marcado pela experiência de pertencimento a uma comunidade latina nos EUA.

A intensa situação de contato linguístico a que esteve submetido ao longo de toda a vida parece ser a explicação mais plausível para o emprego dessa expressão com um sentido tão diferente do que se pratica em seu país de origem. Um fenômeno curioso se dá na tradução desse mesmo trecho na edição hispânica do livro, feita pela tradutora cubano-americana Achy Obejas: “Les gritaba a las mujeres que pasaban - !Tu ta buena, Tu ta buena!” (2008, p. 13). Obejas parece, portanto, traduzir a frase do espanhol norte-americano para o dialeto caribenho.

O exemplo de hibridismo linguístico, presente no exemplo retirado da obra de Junot, traz para o debate um termo bastante controverso, mas frequentemente empregado para o tratamento de fenômenos relacionados ao contato linguístico entre inglês e espanhol: *Spanglish*. De fato, apesar da inexistência de um consenso entre linguistas sobre o que seria o *Spanglish*, o termo é onipresente em qualquer debate sobre *latinxs* nos Estados Unidos e é frequentemente utilizado para representar formas híbridas que mesclam em diferentes proporções as duas línguas.

Lado a lado com a controvérsia linguística, o chamado *Spanglish* prova também polêmicas identitárias e inevitavelmente políticas. Há, desde os que o consideram uma forma empobrecida e corrompida do espanhol, falada por uma parcela populacional menos escolarizada, aos que o abraçam como um elemento fundamental da identidade *latinx* nos EUA. No primeiro grupo podemos citar o crítico cubano-americano Roberto González Echevarría (1997), que entende o *spanglish* como

“básicamente la lengua de los hispanos pobres, muchos de los cuales son casi analfabetos en cualquiera de los dos idiomas.”

Discursos afinados com a fala de Echevarría, além do latente elitismo, criam uma oposição inexistente entre o uso do Spanglish e a competência bilíngue inglês/espanhol. Nesse cenário, a forma híbrida da língua seria fruto de um desconhecimento de ambas as normas, enquanto o bilinguismo estaria reservado à parcela da comunidade hispânica escolarizada. A mera existência de uma amplamente reconhecida literatura elaborada a partir do code-switching inglês/espanhol é suficiente para desmontar esse argumento, obras como já citado romance de Junot Díaz, vencedor do Pulitzer, ou de poetas como Tato Laviera identificado com o movimento da *nuyorican poetry*, e, para citar nomes mais jovens, Melissa Lozada-Oliva; todos são atestados da potência estética dessa mescla linguística.

Por outro lado, assumir um louvor indiscriminado ao *Spanglish* nos parece uma posição também muito delicada. Aqui, estamos diante de dois riscos: o de assumir uma homogeneidade que não se sustenta – é impossível falar em um único *Spanglish* já que as formas híbridas inglês/espanhol são grandemente influenciadas pelos contextos locais, gerando, por exemplo, formas muito distintas no sul da Califórnia, em Miami ou na ilha de Manhattan – e o de ignorar o elemento estigmatizante que, efetivamente, recai sobre os sujeitos que vivem essa linguagem híbrida.

Deslocar o Spanglish do prisma que o coloca como forma impura, corrompida, menor entre as duas línguas, não pode se tornar um argumento para o fortalecimento das desigualdades educacionais que ainda marcam os *latinx* nos EUA.

Um exemplo magistralmente elaborado para demonstrar a beleza e a complexidade do plurilinguismo *latinx* nos Estados Unidos, é dado pela intelectual de origem chicana Gloria Anzaldúa (1987), em dos capítulos mais conhecidos de seu livro *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*; intitulado Como domar uma língua selvagem. Anzaldúa esmiúça sua complexa relação com a linguagem e declara que fala não apenas inglês, espanhol e *Spanglish*, mas, sim, sete línguas – diferentes formas híbridas utilizadas em contextos diversos, como o *pachuco*, identificado com grupos jovens chicanos da segunda metade do século XX ou o espanhol Chicano, marcado pela influência do inglês.

No texto, híbrido tanto na linguagem como no gênero, já que transita entre ensaio, historiografia, memória e poesia, a autora relata toda a violência utilizada na tentativa de extirpar essas formas linguisticamente mescladas.

Para além do discurso acadêmico, para compreender o papel do espanhol nos EUA hoje, é

fundamental considerar também o espaço ocupado pelo idioma e suas variantes hibridizadas na mídia e na arte nos Estados Unidos. O fenômeno das literaturas latinas acompanha hoje o crescimento do consumo de música e da presença latina na TV e no cinema. A existência de numerosos jornais diários em língua espanhola, assim como o significativo espaço televisivo ocupado por canais que transmitem conteúdo nessa língua (a rede Univisión vem continuamente batendo recordes de audiência no país), demonstram a força do espanhol no cotidiano estadunidense (LACORTE, M., e SUÁREZ GARCÍA, 2014).

Dado esse alcance da língua espanhola no território norte-americano, me parece pouco adequado falar nesse idioma como minoritário. Denominá-lo uma língua minorizada é uma opção muito mais coerente, já que se trata de um processo de constante e deliberado apagamento e redução da língua, e não de uma realidade numérica. Abordar o espanhol como língua minorizada nos EUA, portanto, é uma postura linguística marcada por um posicionamento político. Como propõe Ofélia García (2005), é importante deixar de falar no espanhol como língua estrangeira nos Estados Unidos para afirmar a existência de um espanhol dos Estados Unidos.

O ensino de espanhol como língua de herança

A língua espanhola é ensinada a hispano falantes nos EUA pelo menos desde a década de 30, mas é apenas nos anos 70 que a AATSP vai reconhecer essa modalidade educativa (GARCÍA, 2012). O acentuado crescimento da população de origem hispânica nas duas últimas décadas somado ao crescimento do entendimento da língua espanhola como elemento identitário a ser mantido, gerou, também, um aumento na demanda pela oferta dessa língua nos espaços educativos, em especial no ensino secundário e superior.

Apenas muito recentemente o ensino de espanhol para *latinx* passou a ser identificado com o termo ensino de língua de herança. Há aproximadamente vinte anos, a professora da faculdade de educação da universidade de Standford, Guadalupe Valdés (2000), num estudo que é considerado uma referência para o tema hoje, definiu o aprendiz de uma língua de herança como alguém “who is raised in a home where a non-English language is spoken. The student may speak or merely understand the heritage language and be, to some degree, bilingual in English and the heritage language.”⁸⁹ Além da relevância histórica, essa definição merece atenção por evidenciar o caráter

⁸⁹ A definição de Valdés (2000) é considerada uma descrição mais estrita do estudante da língua de herança, já que pressupõe algum nível de conhecimento da língua espanhola. Outros autores como Beaudrie e Ducar (2005) vão incluir

bilíngue do chamado falante de herança e por matizar essa noção, deixando claro que os níveis de conhecimento dessa língua variam significativamente entre os sujeitos. Valdés busca ainda deixar claras as diferenças entre os processos de ensino-aprendizagem de língua estrangeira para os que regem o trabalho com línguas de herança.

O conceito “língua de herança” não é, no entanto, isento de críticas. Ofélia García (2012) enxerga no seu uso um apagamento do bilinguismo, já que essa prática promoveria uma abordagem da língua espanhola “separada y compartamentalizada del inglés, y no como parte de las prácticas discursivas de los bilingües norteamericanos” (p. 359). A autora chama a atenção, portanto, para a necessidade de que o espanhol ensinado a sujeitos de origem hispânica não seja visto apenas como um elemento que remete ao passado, mas sim como um idioma tão legitimamente estadunidense quanto o inglês. Adoto a denominação língua de herança especialmente por sua ampla utilização no campo, mas compreendo como extremamente válida a reivindicação de García de que o espanhol não pode ser visto como uma língua menos norte-americana que o inglês.

Assim, um percurso comum para esses falantes de espanhol de herança nos EUA é a exposição muitas vezes monolíngue em espanhol até os cinco anos de idade em casa, e a partir daí um processo de escolarização que se dá quase em sua totalidade em língua inglesa. Tais sujeitos atingem diferentes níveis de proficiência na língua familiar, Zapata (2018) afirma que o conhecimento de espanhol nesses casos pode ser descrito como mais implícito e muitas vezes desigual, com maior contato com determinados registros e profundo desconhecimento de outros.

A autora afirma ainda que, em muitos casos, esses falantes podem, inclusive, ter certa fluência, mas desacompanhada do conhecimento sobre o funcionamento de gêneros textuais ou de conhecimentos metalinguísticos, elementos essenciais para um letramento efetivo. Essa característica também evidencia a relevância da separação entre o falante de herança e o aprendiz de espanhol como L2, em muitos casos o estudante de origem hispânica imerso na aula de língua estrangeira passa por situações como as descritas por Potowski (2002), em um curso de espanhol com alunos bilíngues e aprendizes de ELE, o primeiro grupo se sentia por vezes intimidado por não conhecer aspectos formais da língua, os nomes dos modos verbais, por exemplo, ainda que conseguissem empregá-los adequadamente nos exercícios propostos em sala.

Outro elemento fundamental para a caracterização do falante de herança é sua conexão com

ainda estudantes de origem hispânica que não tem qualquer conhecimento da língua de herança. Do ponto de vista da aquisição da linguagem (vertente teórica que norteia o trabalho de Valdés) esses sujeitos são indistinguíveis de aprendizes de espanhol como L2.

o universo cultural hispânico. De fato, se as questões identitárias foram durante um longo tempo colocadas em segundo plano no estudo de L2, no caso das línguas de herança elas representam o cerne do debate (LEEMAN, J., RABIN, L., e ROMÁN-MENDOZA, E. 2011). Dessa forma, há uma relação direta entre as habilidades na língua de herança dominadas por cada falante e sua inserção no universo *latinx*, os laços que constrói com a comunidade, a família e mesmo com objetos culturais como filmes, música e literatura.

Cabe refletir também sobre os aspectos raciais envolvidos no ensino de espanhol para *latinx* nos EUA. Uma vez que tais sujeitos são frequentemente racializados, termo definido como “the sociopolitical process of imposing structural disadvantage on certain kinds of bodies that have been categorized as phenotypically marked” (BUCHOLTZ *et al*, 2018), sua linguagem também passa por processos de estigmatização que precisam ser levados em conta no ensino de espanhol como língua de herança. Nesse contexto, se torna fundamental desconstruir a ideia de que existem variedades mais legítimas que outras, vários dos estudos que lidam com dados empíricos (POTOWSKI, 2001; e BURGO, 2016, por exemplo) apontam o desprestígio das variedades conhecidas pelos falantes de herança, como um fator que influi negativamente na autoestima linguística desses estudantes e que, por vezes, resulta em um desempenho abaixo do esperado na disciplina.

Num documentário autobiográfico em que trata com extrema delicadeza do desafio de criar crianças bilíngues nos Estados Unidos, *Lenguas Gemelas/Twin Tongues: Learning English in America*, Iliana Pagán-Teitelbaum⁹⁰, apresenta a experiência do início da escolarização de seus dois filhos, elaborando assim um retrato da relação de migrantes de segunda geração com a língua espanhola. O filme, apesar de extremamente pessoal consegue ao mesmo tempo tocar questões comuns a muitas famílias migrantes. O medo de que as crianças percam a língua de herança assim como o receio de que sofram preconceito e rejeição na escola por não falarem a língua inglesa pode ser descrito como uma preocupação que perpassa toda a narrativa dos pais.

Um dos grandes méritos do filme é justamente transparecer os temores desse casal de pais de origens hispânicas distintas, Iliana é porto-riquenha e seu marido peruano, diante desse processo de transição tão significativo para a vida familiar. Além da família, o filme também dá voz aos professores responsáveis por receber as duas crianças na escola, profissionais que relatam toda a complexidade da tarefa de integrar alunos de origens e heranças linguísticas distintas.

Além disso, *Lenguas Gemelas/Twin Tongues* representa uma série de pontos também

⁹⁰ *Lenguas gemelas/Twin tongues* encontra-se em fase de pós-produção, a versão a que tive acesso, de 2019 foi exibida no V Coloquio Internacional Latinos nos Estados Unidos, realizado pela Casa de las Américas em Havana, Cuba.

explorados pela literatura linguística que trata das línguas de herança e de seu ensino. Em uma das primeiras cenas, a diretora-narradora descreve a angústia de ter a responsabilidade de transmitir sozinha com o marido aos filhos a língua de seus ancestrais, já que todo o contato com a língua se dá no espaço familiar. Em outro momento, o pai das crianças, refletindo sobre sua própria criação, marcada por uma intensa vida comunitária em grande medida marcada por apoio mútuo, menciona a ideia de reciprocidade andina e afirma sua vontade de transmitir esse valor tão caro a sua experiência pessoal aos filhos, associando a língua a esse processo. Ensinar a língua espanhola se torna, portanto, mais do que a mera transmissão de um conjunto de estruturas linguísticas, mas sim uma forma de produzir vínculos e estabelecer valores. Dessa forma, o filme deixa claro o quanto a criação de um ambiente que favoreça atitudes positivas em relação à língua de origem pode ser um aliado na manutenção da língua de herança e na aquisição da língua inglesa.

Esse retrato evidencia a necessidade de desenvolvimento de estratégias específicas de ensino para esse perfil de estudante. Valdés (2005) descrevendo a situação do ensino de espanhol para latinos entre os anos 60 e 80 menciona a ausência de materiais didáticos adequados e situações bastante específicas que evidenciam distinções existentes entre falantes de herança e aprendizes de língua estrangeira, um exemplo nesse sentido é diferenciação entre *ser* e *estar*, muito familiar para o primeiro grupo e que representa um tema complexo para o segundo.

O ensino de Espanhol como língua de herança se dá hoje nos Estados Unidos essencialmente na educação de nível secundário (high school) e superior, números de 2000 revelaram que apenas 18% das universidades ofereciam cursos com esse perfil, taxa que cresceu para 40% em 2012. Trata-se de um trabalho com língua que difere muito do realizado com línguas estrangeiras, não só pelas características dos aprendizes, mas também pelas metas estabelecidas, Potowski e Lynch, (2014) apresentam em um artigo que traça um panorama dos estudos de espanhol como língua de herança nos EUA hoje um conjunto com sete metas:

- 1) mantener el español;
- 2) adquirir una variedad prestigiosa del español;
- 3) aumentar el espectro bilingüe;
- 4) transferir las destrezas de lectura y escritura del inglés al español;
- 5) fomentar el potencial académico;
- 6) fomentar actitudes positivas frente a la lengua y la cultura de herencia;
- 7) desarrollar la conciencia cultural.

Ter em vista os objetivos dessa variedade do ensino de línguas é sem dúvidas um elemento fundamental para o planejamento das atividades e para a avaliação do desempenho dos estudantes.

O ensino de espanhol como língua de herança requer também um diagnóstico preciso das demandas do estudante a partir de sua relação com a língua espanhola. Valdés (2005), partindo das

teorias de aquisição da linguagem, apresenta a seguinte sistematização dos processos que podem envolver estudantes que decidam estudar formalmente o espanhol:

(a) acquisition of incompletely acquired features of the L1 as a “second” language, (b) first language (re-)acquisition involving the acquisition of features that have undergone attrition, (c) acquisition of a second dialect (D2 acquisition), (d) development of discourse skills in the written and oral language including the acquisition of formal registers and styles (R2 acquisition) and literacy, and (e) expansion of receptive proficiencies into productive grammars (p. 418).

Apenas a partir da articulação entre metas e reconhecimento das características específicas dos estudantes de herança é possível planejar estratégias adequadas para essa variedade de ensino de espanhol. Uma exploração mais detalhada dos processos descritos por Valdés não está entre os objetivos deste artigo, mas sua menção cumpre a função de demonstrar o quão diversificadas e complexas são as possíveis demandas para o ensino de espanhol para *latinxs*. As especificidades caracterizadas por esses processos impactam diretamente na atuação dos professores que atuam com o ensino de língua de herança. Uma vez que o ensino sistematizado de espanhol para *latinx* é algo recente, nota-se uma grande lacuna na formação de professores para esse fim, no geral, como aponta Potowski (2001) o letramento em língua de herança fica sob responsabilidade de docentes de língua estrangeira.

Do ponto de vista das práticas docentes, um dos principais deslocamentos que precisam ser feitos pelo professor de língua espanhola para Potowski (2001) é a utilização do que a autora chama de correção como guia. Falantes de herança de espanhol, exatamente por sua relação identitária com a língua, tendem a lidar de forma controversa com correções. Para tanto, Potowski e Lynch (2014) mencionam três princípios que devem reger metodologicamente o ensino de língua espanhola para falantes de herança: a utilização de um modelo *top down*, a adoção de um ponto de vista “sociolinguisticamente informado” para correção dos estudantes e o emprego de uma instrução que pode ser descrita como “learner-centered”, ou seja, voltada para as necessidades específicas dos estudantes.

O primeiro desses princípios parte da ideia de que ao contrário do ensino de língua estrangeira, o trabalho com línguas de herança deve partir do que os estudantes já sabem para o posterior acréscimo de novas informações, assim, é mais efetivo trabalhar a partir de estruturas linguísticas mais complexas. Já o segundo chama atenção para o elemento da complexidade sociolinguística do ensino de línguas de herança, é fundamental que o docente responsável por esse tipo de instrução adote uma postura sensível diante dos conhecimentos do estudante, isso evita, por exemplo, que

elementos dialetais sejam compreendidos como equívocos linguísticos a serem corrigidos. O último dos princípios descritos pelas autoras faz referência à necessidade da elaboração de atividades específicas levando-se em consideração as competências que o estudante já possui.

O tema da formação do professor para o ensino de línguas de herança, embora apareça com frequência nos estudos aqui citados ainda é um campo de estudo bastante recente e que não aparenta estar acompanhando o crescimento da oferta de cursos com esse perfil. Gironzetti e Belpoliti (2018), em um estudo de revisão bibliográfica que mapeou artigos sobre línguas de herança relacionados a práticas pedagógicas publicados entre 2000 e 2017 identificaram apenas 48 textos com esse perfil, um número pequeno, se levado em consideração o significativo número de pesquisas dedicadas a línguas de herança com outros recortes realizadas nesse mesmo período e ainda mais restrito diante do universo de pesquisas sobre ensino de línguas estrangeiras.

Algumas iniciativas, no entanto, ganham destaque no esforço para reversão desse quadro, reunindo material e recursos para o ensino não apenas do espanhol, mas de outros idiomas ensinados a partir da concepção de língua de herança nos EUA. Merecem destaque nesse sentido o site da *Alliance for Advancement of Heritage Languages in America* e a plataforma virtual *Teaching Spanish for native speakers* que reúnem tanto textos científicos sobre o tema, o site da *Alliance*, por exemplo, conta com um repositório de dissertações e teses sobre ensino de línguas de herança, quanto recursos para professores que trabalham com estudantes com esse perfil. Existe também uma revista dedicada exclusivamente à publicação de artigos sobre o tema, a *Heritage Language Journal*.

Menciono ainda duas ações com objetivo de fomentar práticas pedagógicas específicas para o ensino de línguas de herança, com alguma ênfase no espanhol, o curso virtual *Teaching Heritage Languages* oferecido pela Universidade da Califórnia Los Angeles (UCLA)⁹¹, e o manual *Heritage Language Teaching: Research and Practice* publicado por Beaudrie, Ducar e Potowski, em 2014.

Dada a escassez de recursos e materiais próprios para o ensino de espanhol como língua de herança e a complexidade das demandas pedagógicas desse tipo de aprendiz, torna-se necessário o desenvolvimento de estratégias que aliem o desenvolvimento de habilidades linguísticas com o reforço de elementos identitários do universo cultural hispânico. Um exemplo nesse sentido é um conjunto de atividades desenvolvido por Clara Burgo em um artigo de 2016, a autora utiliza a História Oral como recurso para o desenvolvimento de competências linguísticas em espanhol, ao mesmo tempo em que estimula uma reflexão sobre a própria história familiar entre os estudantes. Trata-se de

⁹¹ O curso completo pode ser encontrado no endereço: http://startalk.nhlrc.ucla.edu/Default_startalk.aspx

uma proposta que reconecta o estudante com a língua e com a história a ela relacionada, um exemplo de ação pontual que consegue associar diferentes nuances do ensino de língua de herança e promover o letramento multicultural de que trata Zapata (2018):

The mission is then to offer learners the tools to develop the traditional literacy skills expected in the academic environment in socially and linguistically framed dynamic ways, while, at the same time, promoting the development of those multiliteracies that will result in the understanding and production of other kinds of multimodal forms of expression through which learners can express their individual and community identities in Spanish (ZAPATA, 2018, p. 11).

Considerações finais

Torna-se Evidente, dessa forma, que pensar os estudos hispânicos hoje passa necessariamente por incluir os Estados Unidos e sua complexa relação com a parcela da população que se identifica com o espanhol. O presente trabalho, longe de ambicionar esgotar esse debate, tentou apresentar um levantamento panorâmico dos principais debates feitos sobre a língua espanhola e seu ensino nesse país.

Ganhou destaque nesse sentido o controverso debate sobre o chamado *Spanglish*, essa palavra de difícil definição que simboliza o trânsito entre espanhol e inglês. Sobre esse tema, acredito que independente do termo usado para dar conta da situação multiplicidade linguística da comunidade *latinxs* nos EUA hoje é fundamental compreender esse deslocamento entre línguas como um processo dinâmico. Para retomar García (2012) O bilinguismo no século XXI não é a soma de dois monolinguismos, mas sim uma constante circulação entre os dois idiomas.

Com o crescimento do número de *latinxs* nos EUA que pertencem os grupos de migrantes de segunda ou terceira geração e o fortalecimento na crença do estudo do idioma como ferramenta de valorização identitária e política, fica claro que a demanda pelo ensino de espanhol como língua de herança tende a crescer nas próximas décadas e por essa razão merece maior espaço nos estudos hispânicos.

Como propõe Dumitrescu (2013) “El futuro del español en los Estados Unidos parece estar cada vez más en manos de estos hablantes y/o aprendices de herencia, de segunda y tercera generación, ya sean o no descendientes de matrimonios hispanos mixtos.” O compromisso com uma educação efetivamente bilíngue para esse grupo é sem dúvidas o maior desafio para que o espanhol ocupe nos EUA o espaço que lhe corresponde.

Cabe o questionamento sobre validade do estudo desse tema fora dos EUA. O ensino do



espanhol como língua de herança parece, de fato, uma realidade bastante distante da que vivenciamos no Brasil. No entanto, é possível refletir sobre o papel que essa variedade do ensino de línguas pode assumir no futuro, especialmente com o crescimento significativo de comunidades como a boliviana e a peruana em São Paulo, ou mesmo nas regiões de fronteira, marcadas por uma intensa situação de bilinguismo. Pensando a didática do ensino de línguas de herança em um espectro mais amplo, é possível ainda um diálogo com os estudos realizados em regiões do país em que são faladas línguas minoritárias.

Assim, no presente artigo procurei me aproximar desse complexo tema que é a presença da língua espanhola nos Estados Unidos, e seu ensino como língua de herança para migrantes de segunda ou terceira geração. Se a linguagem pode configurar uma forma de opressão, ela também tem potencial para se tornar uma ferramenta de reversão desse quadro.



Referências

- ANZALDÚA, G. *Borderlands/La Frontera: the new mestiza*. São Francisco: Aunt Lute books, 1987.
- BALESTRA, A.; MARTÍNEZ, G.; MOYNA, M. I. *Recovering the U.S. Hispanic Linguistic Heritage: Sociohistorical Approaches to Spanish in the United States*. Houston: Arte Público Press, 2008.
- BEAUDRIE, S. M., DUCAR, C., E POTOWSKI, K. *Heritage language teaching: research and practice*. Nova Iorque: McGraw-Hill, 2014.
- BEAUDRIE, S. y C. DUCAR, C. “Beginning Level University Heritage Programs: Creating a Space for all Heritage Language Learners”. *Heritage Language Journal* 3 (1): 1–26, 2005.
- BUCHOLTZ, M., CASILLAS, D. I., e LEE, J.-S. *Feeling it: language, race, and affect in Latinx youth learning*. Routledge: Nova Iorque, 2018.
- BURGO, C. Oral History as an Innovative Language Teaching Technique for Spanish Heritage Language Learners. *International Journal of Teaching & Learning in Higher Education*, SL, 28 (3): 451–459, 2016.
- CENSUS. Quick facts - United States: Race and Hispanic Origin. <https://www.census.gov/quickfacts/fact/table/US/PST045219>
- DÍAZ, J. *The brief and wondrous life of Oscar Wao*. Nova Iorque: Riverhead Books, 2007.
- _____. *La maravillosa vida breve de Óscar Wao*. Trad. Achy Obejas. Barcelona: Mondadori, 2008.
- DUMITRESCU, D. El español en Estados Unidos a la luz del censo de 2010: Los retos de las próximas décadas. *Hispania*, SL, Volume 96, Number 3, Sep, pp. 525-541, 2013. doi: 10.1353/hpn.2013.0096
- GARCÍA O. El papel del translenguar en la enseñanza del español en los Estados Unidos. In: DUMITRESCU, D. El español en Estados Unidos: E Pluribus Unum? Enfoques multidisciplinares. Nova Iorque: Ediciones ANLE, 2012
- GONZÁLEZ ECHEVARRÍA, Roberto. Hablar espanglish es devaluar el español. In: TORRES, A. El español de América. Barcelona: Publicacions y Edicions de la Universidad de Barcelona, 1997.
- GIRONZETTI, E., e BELPOLITI, F. Investigación y pedagogía en la enseñanza del español como lengua de herencia (ELH): una metasíntesis cualitativa. *Journal of Spanish Language Teaching*, SL, 5(1), 16–34, 2018. doi:10.1080/23247797.2018.1469854
- LEEMAN, J., RABIN, L., e ROMÁN-MENDOZA, E. (2011). Identity and Activism in Heritage Language Education. *The Modern Language Journal*, SL, 95(4), 481–495. doi:10.1111/j.1540-4781.2011.01237.x
- LACORTE, M., e SUÁREZ GARCÍA, J. *La enseñanza del español en los Estados Unidos: panorama actual y perspectivas de futuro*. *Journal of Spanish Language Teaching*, 1(2), 129–136, 2014. doi:10.1080/23247797.2014.970358
- LIPSKI, Jonh. Is “Spanglish” the third language of the South?: truth and fantasy about U. S. Spanish. *LAVIS-III*, University of Alabama, Tuscaloosa, April 16, 2004.
- LOZANO, R. *An American language: The History of Spanish in the United States*. Oakland: University of California Press, 2018.
- MORENO FERNÁNDEZ, F. Dialectología hispánica de los Estados Unidos. *Enciclopedia del español en los Estados Unidos: Anuario del Instituto Cervantes 2008*. Ed. Humberto López-Morales. Madrid: Instituto Cervantes/Español Santillana. 200–21, 2009.
- PEW HISPANIC CENTER. *A Nation of Immigrants: A Portrait of the 40 Million, including 11 Million Unauthorized*. Washington, DC: Pew Hispanic Center, 2013.
- POTOWSKI, K. Educating university foreign language teachers to work with heritage Spanish speakers. In B. Johnston, S. Irujo (Eds.), *Research and practice in language teacher education: Voices from the field*. Selected papers from the first international conference on language teacher education. Minneapolis: University of Minnesota/Center for Advanced Research in Language Acquisition, 2001.
- POTOWSKI, K. Experiences of Spanish Heritage Speakers in University Foreign Language Courses and Implications



for Teacher Training. *ADFL Bulletin*, SL, 33 (3): 35–42, 2002.

POTOWSKI, K., e LYNCH, A. Perspectivas sobre la enseñanza del español a los hablantes de herencia en los Estados Unidos. *Journal of Spanish Language Teaching*, 1(2), 154–170, 2014. doi:10.1080/23247797.2014.970360

VALDÉS, G. Introduction. In *AATSP Professional Development Series Handbook for Teachers K-16: Spanish for Native Speakers*, 1–20. Fort Worth: Harcourt, 2000.

_____. Bilingualism, Heritage Language Learners, and SLA Research: Opportunities Lost or Seized? *The Modern Language Journal*, SL, 89(3), 410–426, 2005. doi:10.1111/j.1540-4781.2005.00314.x

TWIN Tongues/Lenguas gemelas: learning english in America. Direção: Iliana PagánTeitelbaum. Versão Casa de las Américas, 2019.

ZAPATA, G. C., e LACORTE, M. *Multiliteracies pedagogy and language learning: teaching Spanish to heritage speakers*, Cham: Palgrave Macmillan, 2018.

Submissão: agosto de 2020

Aceite: dezembro de 2020